

# ACERVOS DOCUMENTAIS *ON-LINE*, PRÁTICAS DE MEMÓRIA E EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS

## ON-LINE ARCHIVAL HOLDINGS, MEMORY PRACTICES AND EDUCATIONAL EXPERIENCES

**ADRIANA CARVALHO KOYAMA** | Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisadora do Grupo de Pesquisas e Estudos em Educação Continuada (Gepec), Departamento de Práticas Culturais, Faculdade de Educação, Unicamp.

### RESUMO

O artigo reflete sobre os Arquivos *on-line* pela perspectiva do ensino de história, da educação patrimonial e da educação das sensibilidades. Explora desafios das experiências de educação em arquivos *on-line*, imaginando algumas de suas possibilidades futuras.

*Palavras-chave: arquivos; práticas de memória; ensino de história; educação das sensibilidades.*

### ABSTRACT

The paper reflects upon the on-line Archives from history teaching, heritage education and education of sensibilities perspectives. It explores some challenges of educational experiences in on-line archives, imagining some of their future possibilities.

*Keywords: archives; memory practices; history teaching; education of sensibilities.*

### RESUMEN

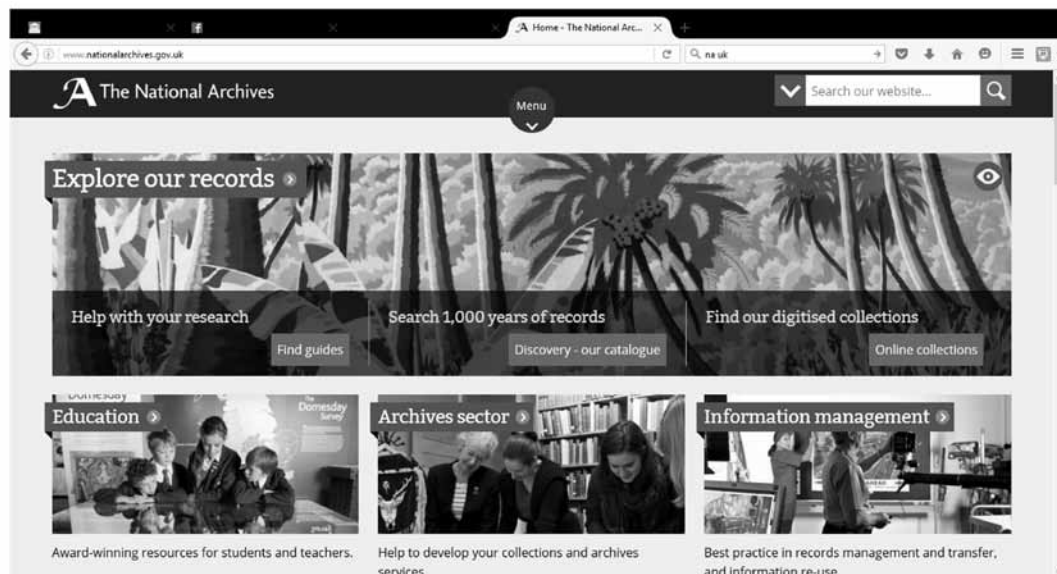
El artículo reflexiona sobre los Archivos en línea, por las perspectivas por la enseñanza de la historia, de la educación para el patrimonio y de la educación de la sensibilidad. Explora los desafíos de las experiencias de educación en los archivos en línea, imaginando algunas de sus posibilidades futuras.

*Palabras clave: archivos; prácticas de memoria; enseñanza de historia; educación de las sensibilidades.*

Os Arquivos e centros de documentação, no Brasil e internacionalmente, têm dedicado recursos financeiros e esforços significativos, nos últimos anos, para a digitalização e publicação *on-line* de seus acervos documentais. Esse movimento encontra alguns de seus mais importantes grupos de usuários nas comunidades de ensino e aprendizagem, tanto do ensino fundamental e médio como do universitário, e mesmo de jovens pesquisadores. Essa centralidade do espaço que as ações educativas vêm ganhando nas publicações *on-line* de instituições de custódia documental está expressa, inclusive, na visualidade dos *sites* de alguns grandes Arquivos da Europa e das Américas, que têm destacado, em suas páginas principais, seções produzidas especialmente para professores e estudantes (Koyama, 2015).

Combinam-se, na valorização contemporânea das ações educativas virtuais dos Arquivos, dois grandes movimentos: os Arquivos, impulsionados pelas culturas da memória (Meneses, 1999; Huysen, 2000; Nora, 2003), buscam criar experiências de educação que valorizem o patrimônio documental. Articulado a esse impulso, encontra-se um movimento ligado a políticas públicas de ensino de história e a propostas relativas à produção de conhecimento histórico-educacional, que vem aproximando escolas e instituições arquivísticas, em atividades de leitura de documentos no ensino de história. A expansão das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), em suas expressões na educação e nas mídias de instituições de memória, potencializa essa dupla valorização, criando grandes expectativas sociais em relação à digitalização e ao acesso aos documentos de Arquivo, tanto para a educação como para a fruição intelectual e sensível.

**FIGURA 1. HOME PAGE DO NATIONAL ARCHIVES (UK)**



A centralidade que as ações educativas vêm ganhando nas interfaces digitais dos Arquivos expressa-se em seu destaque visual crescente nos *sites* de Arquivos.

Em relação às experiências de ensino de história com a utilização de documentos, sua ampliação é visível desde a década de 1980, no Brasil no exterior. Mais recentemente, ao migrarem para o universo virtual, essas experiências vêm ganhando novas possibilidades: se nos materiais didáticos a seleção de documentos é sempre pequena, limitada pelo espaço da impressão; no universo virtual, o espaço tende ao infinito, e o desafio, para o usuário, passa a ser mapear, recortar e avaliar o que está publicado, exigindo uma aprendizagem sobre as características dos acervos arquivísticos. Para o utilizador que conhece como são concebidos os instrumentos de pesquisa arquivística, esse universo se revela. Na navegação pelos documentos de Arquivos *on-line*, a aprendizagem pode ser substancialmente ampliada pelo contato com esses conjuntos documentais únicos, inseridos em seu contexto de produção e guarda.

No bojo da expansão das culturas da memória, temos hoje veiculadas imagens de grandes conjuntos documentais em *sites* de Arquivos brasileiros. Os documentos criados por meio de tecnologias de reprodução, midiáticos, como fotografias, revistas, jornais, músicas, filmes e peças feitas para a TV têm atraído, especialmente, a atenção dos leitores-navegadores, que reproduzem, comentam e até fazem “remixagem” desses registros nas redes sociais. As memórias midiáticas alcançam grande público e constituem-se como solo de lembranças comuns, embora com diferentes significados.

Encontram-se hoje séries inteiras de periódicos e coleções fotográficas digitalizadas em *sites* de Arquivos e centros de documentação, públicos e privados. Nesse movimento de ampliação de seus espaços virtuais, os Arquivos têm feito, de forma recorrente, recortes de seu acervo para publicação. No entanto, ao navegar em seus *sites*, nem sempre está claro, para os leitores-internautas, que ali constam seleções de documentos e não todo o acervo, ou seja, sempre há uma escolha e um recorte, a partir de um conjunto maior de fundos ou coleções, feitos pelo Arquivo para expor *on-line*.

Quando os documentos são colocados *on-line*, os mecanismos de busca internos fazem novos recortes a partir de palavras-chave, de metadados ligados a cada documento digitalizado. Essa seleção e seu tratamento, com a inserção de descritores, são decisivos para a experiência possibilitada na interação com o usuário. O recorte do acervo disponibilizado e a inserção de mecanismos de busca eficientes e de descritores nos Arquivos eletrônicos fazem emergir, pelo motor de busca do *site*, os documentos relativos a um ou outro tema, em meio às centenas, muitas vezes milhares, de imagens digitalizadas e publicadas. Compreender quais documentos podem ser encontrados e a forma como são organizados nas instituições arquivísticas pode ser um empecilho ou um impulso à pesquisa, para pesquisadores e estudantes.

Arquivos trabalham com princípios de arranjo de sua documentação que são largamente desconhecidos, inclusive entre os profissionais com nível alto de escolarização e professores universitários. Saber sobre um item documental, se este pertence a um fundo arquivístico ou a uma coleção, conhecer a história de seu produtor, os caminhos que percorreu para chegar à atual instituição de custódia, como se relaciona a outros documentos do mesmo conjunto documental, e, talvez, com outros conjuntos do mesmo acervo, todas essas considerações

mudam significativamente as possibilidades de leitura desses conjuntos documentais. Nas instituições de arquivos e centros de documentação, ao lado de documentos arquivísticos, constituídos por fundos de pessoas ou entidades, alinham-se coleções, que reúnem documentos de diferentes espécies e suportes, impressos e manuscritos, iconográficos e textuais, livros e periódicos, inclusive. As coleções não são constituídas pela mesma forma de produção que os conjuntos de documentos arquivísticos, pois enquanto os fundos são caracterizados por sua elaboração ser derivada naturalmente das atividades de seu criador; nas coleções, as peças são reunidas por um gesto de vontade, artificialmente, em torno de um objeto de interesse ou estudo. Os *sites* das instituições arquivísticas e centros de documentação podem colaborar para que essas características se tornem mais conhecidas, cuidando para que as escolhas técnicas relativas à navegação em seus acervos levem em consideração essas relações internas dos conjuntos documentais.

Nas atividades educativas *on-line* dos Arquivos, a dificuldade de compreensão dos acervos documentais se mantém, e talvez até mesmo se amplie: no ensino de história, os materiais educacionais que propõem leituras documentais trazem, de forma prevalecente, documentos como peças únicas, selecionados de forma isolada e publicadas junto a textos que fazem leituras prévias sobre seus significados. Raramente, essas atividades exploram as relações entre documentos da mesma série ou pela perspectiva de suas conexões com o fundo de que faz parte, e com seu(s) produtor(es), situados no tempo e no espaço.

Nesse cenário de práticas, dois desafios se colocam de imediato, para quem estuda essas ações educativas virtuais, bem como para quem formula essas ações. Do ponto de vista da educação patrimonial, é preciso encontrar formas de aproximar os usuários dos conhecimentos sobre a pesquisa em acervos arquivísticos, para que possam navegar nos *sites* de Arquivos, entre seus conjuntos documentais; compreender e utilizar seus instrumentos de pesquisa. Da perspectiva do ensino de história, o desafio é criar experiências educacionais que possam estimular leituras plurais e inventivas de seus registros, explorando-os em suas especificidades, e ampliando os diálogos com o universo escolar, com o ensino universitário e, mais amplamente, com a educação em suas configurações não formais e informais, imersas nas práticas culturais.

## **PESQUISADORES E ACERVOS**

A necessidade de ampliarmos a compreensão de professores e pesquisadores sobre as especificidades dos conjuntos documentais em Arquivos vem se colocando no centro das minhas interrogações, a partir de práticas de oficinas e cursos sobre arquivo e educação, oferecidos para estudantes e professores do ensino básico, universitário e de pós-graduação. Antes disso, já em minha experiência como arquivista, observava que a busca dos usuários por documentos de arquivo era guiada, de forma predominante, por estudos já feitos a partir dos mesmos recortes de acervos, por publicações e exposições de documentos ou pela orientação do arquivista da sala de consulta. Essas práticas levam a renovadas leituras dos mesmos conjuntos documentais, deixando predominantemente aos arquivistas o recorte inicial das pesquisas.

Amiúde, os arquivos compõem-se de divisões diferentes para documentos manuscritos, cartográficos, iconográficos, bibliográficos. Isso significa que o mesmo fundo, sendo formado por documentos manuscritos, livros, fotografias, dossiês compostos de plantas e relatórios escritos, será dividido entre esses vários setores, cada qual com seu depósito, e, em alguns casos, sem instrumentos de pesquisa que possam reintegrar suas partes. Essas mesmas divisões são, no mais das vezes, reproduzidas e atualizadas nos *sites* do Arquivo e em seus instrumentos de pesquisa eletrônicos, acrescidas dos problemas trazidos pelas novas mídias. Elizabeth Yakel, professora da School of Information, da Universidade de Michigan (USA), descreveu, em 2004, o dilema em que nos encontramos no que se refere aos *sites* de Arquivos:

Twenty years ago all use of archives and manuscripts was mediated by reference personnel. This is not true today. Ruller (1997) outlined a world where researchers visit archives virtually, identify interesting holdings, search databases and download information seamlessly at any hour.

This scenario is a reality for some records in some archives and manuscript repositories. Researchers can do research remotely without ever encountering the physical archives or an archivist. This opportunity of extending services across time and space is a real win for archives. What we do not know is how many other people find a site, search around, and then leave frustrated, perplexed by the archival jargon, lost in the architecture of the site, and stymied by the endless links through various surrogates (Yakel, 2004, p. 61).

A autora conclui com uma avaliação desse cenário e com a indicação da necessidade de repensarmos a ação educativa dos Arquivos, contemplando a formação de pesquisadores para o uso dos arquivos, físicos e virtuais, em sua gama crescente e plural de usuários:

Increasing the availability of archives and manuscripts on the web has increased the use of these materials, particularly digitized documents in educational settings. However, at the same time this has exposed weaknesses in the ability of researchers ability to utilize these materials effectively. Archivists are responding to this in a variety of ways, including e-mail reference and on-line educational modules. However, archivists need to do more. Rethinking the paradigm for archival user education toward defining core knowledge and skill sets that would comprise information literacy for primary sources would help all archives to serve an increasingly diverse audience (Yakel, 2004, p. 63).

Podemos nos interrogar sobre as dificuldades criadas para a crítica documental pelo desconhecimento, por parte do pesquisador, das várias seleções (propositais ou casuais) de que o acervo foi alvo em sua história arquivística. Ademais, os pesquisadores têm acesso a estes pela mediação do arquivista, o que envolve mais um processo de seleção e de recorte (Parrela, 2012, p. 42). Tal desconhecimento é a condição em que se encontram muitos his-

toridores, geógrafos, jornalistas, educadores, cientistas sociais, administradores e outros profissionais que procuram os Arquivos. Esse cenário ultrapassa as fronteiras brasileiras, conforme sugere Yakel, e como podemos perceber navegando nos sites de Arquivos além-fronteiras.



**FIGURA 2. INSTRUMENTO DE PESQUISA DO ARQUIVO NACIONAL**

Um dos desafios da mediação, feita pelos *sites* entre os arquivos e seus usuários, é a de aproximá-los dos conhecimentos necessários à pesquisa em acervos arquivísticos para que possam compreender e utilizar seus instrumentos de pesquisa.

## ACERVOS MONUMENTAIS

Para continuarmos a refletir sobre as relações entre os arquivos e a educação, podemos nos interrogar sobre a produção e circulação de narrativas históricas consagradas a partir de acervos arquivísticos. Em São Paulo, estudos sobre as trocas entre a Associação dos Procuradores do Estado de São Paulo (Apesp) e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP) têm trazido contribuições para ampliarmos nossas interrogações sobre o papel do Arquivo no cenário em que se criou a educação pública, no final do Império e nas primeiras décadas da República. O Apesp foi valorizado, nas últimas décadas do século XIX, por suas possibilidades de dar suporte à pesquisa e construção de uma memória paulista, bandeirante. Percebido como guardião da tradição e da história de São Paulo, foi dirigido por homens letrados cuja missão era fazer justiça ao passado paulista, trazendo à luz seu papel heroico na construção da nação. Todos eles pertenceram ao IHGSP. Segundo Martins (2013, p. 235), ao mesmo tempo em que uma seleção de “documentos interessantes” recebia grande inves-

timento e divulgação, o Arquivo avaliou como inúteis e mandou incinerar “ofícios, relações, mapas e atas referentes à escravidão em vários municípios” e “contas das despesas feitas com as epidemias de 1892 e 1893”. Desse modo, retirados de seu contexto de produção, monumentalizados, transcritos de forma pouco rigorosa e colocados em circulação por meio de impressos, periódicos, livros, expostos em museus e repartições públicas, esses documentos “interessantes” ilustraram a produção da narrativa bandeirante.

Professores de história e autores de materiais educacionais, não raro eles mesmos membros do IHGSP, participaram da construção de narrativas históricas tributárias dessa matriz, às vezes, incluindo em seu caudal a história de suas cidades. A produção dessas narrativas pode ser observada em pequenos textos de almanaques e disseminada em livros e jornais, assinada por bacharéis, professores e homens letrados, espetacularizada nas exposições museográficas, dentre as quais, a mostra do Museu do Ipiranga é a expressão mais perfeita (Galzerani, 1998; Brefe, 2003).

Refletindo sobre esse cenário, podemos nos interrogar sobre como instituições de arquivos, museus, bibliotecas, junto com outros espaços de circulação de representações sociais sobre o passado, colaboraram para a afirmação de uma dada prática cultural de leitura de documentos de arquivo, na qual um documento (ou mesmo um fragmento de documento) é tomado como ilustração de uma narrativa histórica, narrativa esta que o circunda, substituindo e apagando seu contexto de produção e reduzindo suas possibilidades de leituras alternativas. Permite-nos, ainda, perguntarmo-nos se a relação monumentalizada com os acervos, que, tendencialmente, predomina ainda hoje na ação educativa em Arquivos, pode ser flagrada como forma de educação das sensibilidades, insidiosamente presente em diferentes práticas culturais, vividas ao longo de nossa história escolar, em nossas experiências nas visitas a museus, na leitura de jornais, na forma como os documentos são publicados e em sua “contextualização” nos livros didáticos, em nossas experiências como espectadores de documentários midiáticos, que tomam “documentos” como prova da veracidade das mais diversas narrativas.

A partir dessa percepção ampliada de educação, não somente como prática escolar, mas como educação das sensibilidades, produzida nas práticas culturais, podemos abordar as interfaces midiáticas construídas por Arquivos na atualidade como dispositivos que estimulam a conformação de determinadas sensibilidades, em especial no que se refere às experiências relativas ao tempo, às memórias sociais e à produção de conhecimento histórico educacional.

Arquivos são espaços fechados a seus usuários, que têm acesso aos documentos pela mediação de um profissional, ou, agora, pela forma como seu acervo é apresentado em seus *sites*. Assim, os *sites* de instituições arquivísticas podem estar se tornando o principal espaço informal de educação, que media as concepções que muitos dos seus usuários vão criar sobre o que sejam acervos arquivísticos. Nosso olhar pode se voltar para estes *sites*, flagrando-os como mediadores das imagens de arquivo, de documento, de memória e de produção de conhecimento, que nos são oferecidas pelos arquivos *on-line*. Tais concepções podem ser percebidas, ainda, nas representações históricas que estes *sites* produzem e colocam em circulação.

As propostas de ensino de história em *sites* de Arquivos vêm ampliando as experiências educativas com leituras de documentos de arquivo, e, ao fazê-lo, incorporam práticas de edu-

**FIGURA 3. PÁGINA DO NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION (NARA)**



Em que medida os *sites* de arquivos atualizam práticas de leitura nas quais os documentos de arquivo são tomados como ilustração de uma narrativa histórica, que os circunda, substituindo e apagando seu contexto de produção arquivística?

cação informais, produzidas em experiências de outras mídias da modernidade. Muitas destas instituições têm produzido narrativas midiáticas sobre o passado, usando documentos como parte de sua construção. Isso é particularmente claro nas seções educativas, nas quais encontramos belas sequências de documentos, entremeados a textos e produções audiovisuais, com efeitos narrativos. Nelas, flagramos práticas das culturas escolares, das narrativas midiáticas, do ensino de história e da produção social de memórias na relação com acervos arquivísticos.

As conexões entre instituições arquivísticas, museus e o ensino de história iniciam-se, na Europa e nos Estados Unidos, com a publicação de seleções de documentos como materiais educacionais, imbricada nas propostas de educação popular das últimas décadas do século XIX. Essas conexões são bastante ampliadas a partir da década de 1980, no Brasil e internacionalmente, no movimento de renovação do ensino de história, que propôs, decididamente, a leitura de documentos como parte das metodologias de ensino e produção de conhecimentos histórico-educacionais. Ampliando esse movimento, as propostas curriculares dos anos 1990 indicam os documentos como parte dos artefatos fundamentais de ensino de história, o que contribui fortemente para a aproximação entre escolas e arquivos.

Existe uma expectativa difusa, nas reflexões dos autores que se debruçam sobre esse tema, de que as experiências de ensino de história em Arquivos *on-line* produzam possibilidades de invenção de novos espaços educativos, ao recriar, com as tecnologias eletrônicas, as experiências de educação com leituras de documentos de arquivo. Mas percebemos, também, propostas de educação que atualizam velhas práticas, revistas pelas possibilidades criadas pelas máquinas de tratamento da informação, de reprodução eletrônica de textos e imagens, de sua publicação e circulação em rede. A montagem e construção de significados, em representações sobre o passado, elaboradas a partir de seleções de documentos, são uma característica que os *sites* compartilham com outras mídias. Muitas das publicações



em arquivos *on-line* atualizam práticas historicamente construídas, como as centenárias exposições de documentos/monumentos, que se apresentam digitalizados nos *sites*, em suas roupagens virtuais, solitários em suas vitrines ou inseridos em percursos discursivos espetaculares, (re)construindo representações do passado, como as de tantos museus históricos (Brefe, 2003; Knauss, 2003). Outras, ainda, remetem aos livros didáticos, organizando-se em linhas do tempo e dividindo-se em períodos históricos canonizados pelo ensino escolar.

**FIGURA 4. PUBLICAÇÃO DO NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION (NARA)**



Imagem expressiva de alguns dos desafios que se colocam aos Arquivos em sua interface midiática. Esse item documental parece ter perdido informações fundamentais de seu contexto de produção, tais como, data de criação e dossiê original de onde foi, presumivelmente, retirado.

Outro risco potencial é o de nos “sentirmos em casa”, no passado revisitado, com a visualização de centenas, às vezes milhares, de imagens de documentos, transcritos e assépticos, ao alcance de nossos olhos, em um contato que tende a trazer para o presente essa experiência (Huysen, 2000). Compreendo, como apontam Burke (Briggs; Burke, 2004) e Tardif (2005), entre outros, que ao investigarmos as TDICs, é importante termos em conta que à técnica corresponde uma economia, uma política e uma estética. Nesse sentido, a inserção dos arquivos no universo virtual é um fenômeno que pode ser interrogado em suas relações com os movimentos da modernidade tardia. Se as experiências já estabelecidas e os dilemas já apontados sobre as relações entre escolas e instituições de arquivos estão se recolocando, atualizados, nas ações educativas *on-line*, a eles se somam os dilemas próprios da espetacularização social, da mercantilização das relações e das produções culturais, da fragmentação e da ampliação do presente, em detrimento de outras formas de relação temporal, parte da nossa condição de radicalização da modernidade. Esse é um dos desafios a serem

enfrentados, do ponto de vista das potencialidades da pesquisa histórico-educacional *online*. Compreendê-lo pode apontar abordagens que estimulem experiências significativas de encontro com os registros do passado, nos desloquem de nosso presente e nos levem ao encontro de outras temporalidades.

Na contemporaneidade, vivemos uma ampliação do tempo presente, em detrimento da valoração das dimensões temporais e subjetivas, plurais, e dos ritmos também diferenciados de temporalidade. A essa percepção, presente na experiência vivida, articula-se uma visão instrumental de tempo histórico, etapista, progressista, linear (Galzerani, 2005). Como destaca Giddens (1991), a historicidade radical, como apropriação sistemática do passado para ajudar a modelar o futuro, recebeu um ímpeto fundamental na modernidade, com a matematização do espaço e do tempo, a partir de um sistema de datação padronizado, agora universalmente reconhecido, que possibilita a apropriação de um passado unitário, que tende a se tornar um passado mundial; tendencialmente, nesse movimento, tempo e espaço são recombinações para formar uma estrutura histórico-mundial de ação e experiência. Simultaneamente, as relações sociais vêm sendo deslocadas de contextos locais de interação e reestruturadas através de extensões indefinidas de tempo-espaço. À medida que os Arquivos se colocam na rede mundial, vemos multiplicarem-se em suas seções educativas as linhas do tempo e prevalecerem imagens que reafirmam essa representação instrumental do tempo, tendencialmente unitária, eurocêntrica, expressão de uma dada racionalidade técnica ainda presente na academia.

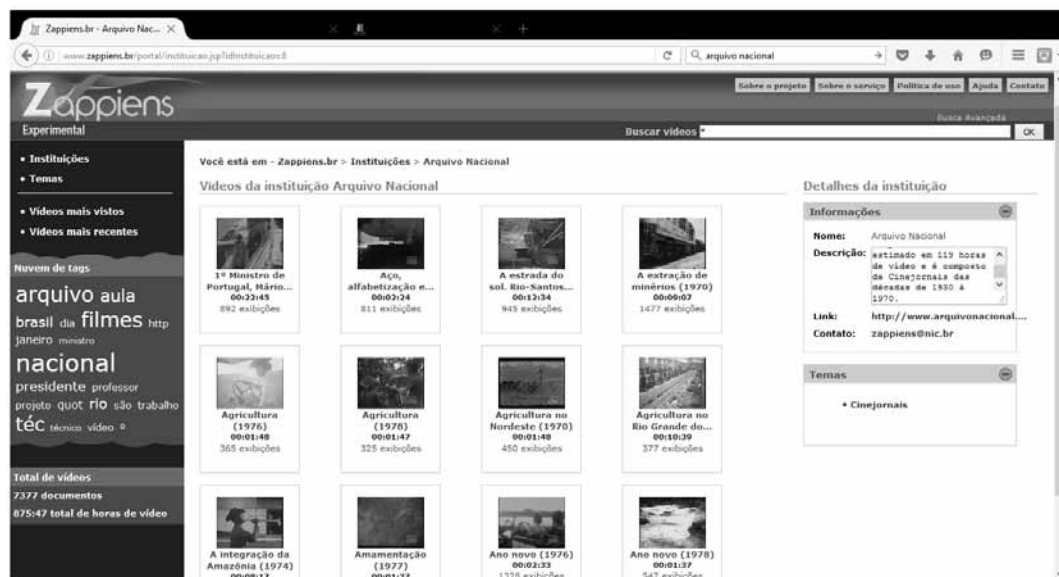
Tal tendência instrumental apresenta-se, ainda, nas concepções de construção de conhecimento e de educação, convergindo com as práticas escolares de produção de exercícios didáticos, que são hoje hegemônicas nas leituras de documentos no ensino de história e nas ações educativas das instituições arquivísticas. Têm como base a formulação de percursos pré-definidos de atividades escolares que, partindo de um contexto narrativo (“histórico”) já construído, pretendem levar o estudante, através de questões e leituras de documentos, a viver uma “experiência de pesquisa”. Ocorre que, com um pequeno grupo de documentos pré-selecionados, descolados de seus contextos de produção, a experiência é mais de leitura e reconhecimento do que de pesquisa. Sobre esse dilema, Hugh Taylor escreveu, já na década de 1970, que:

Clearly, for a 30-pupil class, some guidance will be necessary. The argument against imitating the historian entirely is that he, in fact, spends a great deal of time searching for his references. However, the danger lies mainly in structuring a series of documents to reach only one conclusion, the one which the teacher or compiler feels is the most convenient. There is now a strong trend for the duplication of whole bundles and series of records from which can be drawn all kinds of conclusions so that the exercise of examining these records, bringing to bear qualities of judgment and analysis, and drawing together the information into a coherent statement is of the greatest value (Taylor, 1972, p. 328).

Em contraposição à sequência didática, Taylor propõe o trabalho com séries documentais (e não com documentos avulsos) na produção de conhecimentos histórico-educacio-

nais, direção em que convergem trabalhos recentes sobre ensino de história e documentos arquivísticos (Caimi, 2008; Calzada I Olivella, 2007; Mattozzi, 2001; Romanelli, 2002; Reverté-Vidal, 2007).

**FIGURA 5. SÉRIE CINEJORNAIS, PUBLICADA PELO ARQUIVO NACIONAL NO PORTAL ZAPPIENS**



A publicação digital de séries documentais convida-nos a produzir novas questões e novas narrativas sobre o passado, em diálogo com seus registros documentais, ampliando, dessa forma, as possibilidades educativas de tais registros.

A autoridade, aura que acompanha o original, cria seu valor de culto: está presente na exposição de documentos-monumentos nos Arquivos, quando “os tesouros” do acervo são iluminados. A aura da autoridade retorna, ainda, nas formas de reprodutibilidade técnica do patrimônio documental, como ilustração e prova de representações histórico-canônicas, tanto nos *sites* de Arquivo, quanto nas demais mídias da indústria cultural. Na leitura de documentos arquivísticos, com frequência, o documento é monumentalizado ao ser exposto e lido com um olhar que, com respeito distanciado, busca nele a positividade do fato histórico, em toda a sua objetividade. Da exposição em instituições arquivísticas e museus aos livros didáticos, e destes para nossos hábitos de leitura e de produção de conhecimento histórico-educacional, essa relação com os documentos monumentalizados faz parte de nossa educação sensível tanto quanto da cultura escolar.

Carregando essas referências, as imagens sobre o passado construídas nos *sites* de Arquivo dialogam, ainda, com outras formas discursivas da indústria cultural: as narrativas literárias e históricas que se entrecruzam nos romances, no cinema, na TV, nos jornais, circulando pelas mídias da modernidade. Inserem-se nas transformações de percepção

do tempo e das relações dos homens com suas memórias, em processos subjetivos, nos quais memória voluntária e involuntária vêm se entrelaçando às mídias (HUYSSSEN, 2000). Imagens assim produzidas, visuais e literárias, vêm fazendo parte da formação de nossas sensibilidades, por meio das interações entre os sujeitos sociais e os meios de comunicação, que são cada vez mais ubíquos, inseridos nos espaços sociais e de trabalhos urbanos e em nossa intimidade. Primeiro nas salas, depois, também, nos quartos: rádio, televisão, *Internet* e, contemporaneamente, com a chamada convergência de mídias, em todos os lugares, todo o tempo.

## **OUTRAS PALAVRAS**

Na ampliação das culturas da memória e de suas inquietações, o papel dos Arquivos vem sendo questionado no interior da comunidade arquivística. Essa polêmica tem implicações na maneira como são imaginadas, por arquivistas e Arquivos, suas relações com a memória, a forma como são pensados os acervos arquivísticos digitais, bem como as atividades educativas. Uma competente introdução a essas controvérsias candentes, com seus temas e principais obras de referência, pode ser encontrada em Anne Gilliland (2010). Nesse texto, a autora aborda a emergência de investigações que refletem sobre a instituição arquivística a partir da experiência dos sujeitos sociais, perspectiva da qual nos aproximamos no decorrer desse trabalho:

From a professional perspective, archivists are asking how their users make sense of the history, experiences, and knowledge that are captured in archival holdings and their accompanying metadata. Are they confused, overwhelmed, challenged, empowered? What emotions do users experience when working with archival materials? Excitement, curiosity, sadness, trauma? What happens when the archives go on-line? How do their users feel about using digital versions of primary materials, and in sites such as their homes, offices and classrooms rather than in the archives themselves? How can archives anticipate and address these kinds of affects? (Gilliland, 2010, p. 339).

As questões colocadas por Gilliland nos levam ao nosso próximo e último tópico. Walter Benjamin nos convida a produzir novos sentidos, novas narrativas sobre o passado, em diálogo com seus registros, heterogêneos, legados inadvertidamente abandonados. Os Arquivos estão repletos desses abandonos, plenos de potencialidade para estimularem essas experiências.

Uma diferença entre monumento e documento. O monumento é algo produzido para ficar, faz parte da memória oficial celebrativa; o documento é aquilo que permaneceu malgrado ele mesmo. O historiador faz a história como a criança, que brinca a partir dos objetos abandonados ou jogados pelos adultos como inúteis, a partir do “lixo da história”. O fragmento é, aqui, o inassimilado, o heterogêneo, algo cujo sentido é nômade

e a isso o historiador vai procurar dar sentido. Não há utopia de um sentido único das coisas [como prega a lógica cartesiana], a história não está fechada, o historiador reabre o passado para contá-lo de outra maneira. Isso não significa que o faça arbitrariamente, mas em sua relação com o presente. Voltar ao passado só faz sentido se ao mesmo tempo o presente iluminar o passado e sua pós-história. É essa a crítica ao historicismo e ao positivismo do fato (Matos, 1990, p. 305).

Nesse pequeno fragmento de texto, Olgária Matos expressa uma das inspirações das experiências de ensino de história com documentos criados nos anos 80, que convidavam à produção de conhecimentos históricos-educacionais singulares, afirmando a concepção do aluno e do professor como produtores de conhecimentos históricos (Galzerani, 2008, p. 223).

As tensões nas relações entre ensino de história e Arquivos, se nos colocam desafios, também abrem brechas de criação de novas possibilidades de relação com o tempo, em diálogo com as nossas memórias, experiências e saberes, docentes e discentes, na escola, na cidade, na academia e nas instituições de arquivos. Poderemos experienciar os *sites* das instituições de arquivos como labirintos benjaminianos, que nos estimulam em nossas viagens de produção de conhecimentos histórico-educacionais, em busca de uma "outra" relação com o nosso tempo? Nas palavras de Nora (2003, p. 47), na atualidade,

O arquivo é a interface, o lugar de encontro e de conflito das duas formas de nossa memória contemporânea: a memória vivida e a memória documental, a memória direta e a memória indireta, imediata e mediada, a memória do testemunho e a da história científica, a memória viva e a memória reconstituída, memória quente e memória fria.

Centro das investigações sobre as relações entre Arquivos e memórias sociais e envolvidos nessas disputas de memória, encontramos, sobretudo, os chamados acervos sensíveis, objeto de muitas pesquisas e inquietações. Essas pesquisas nos interessam, principalmente nos diálogos que abrem sobre como as escolhas das instituições arquivísticas e centros de memória, relativas à produção e circulação de seu acervo, expressam sua posição em relação às tensões e conflitos sócio-culturais; e no estudo de experiências que buscam formas de posicionar-se frente a essas tensões e conflitos, da perspectiva de uma educação eticamente comprometida com o fortalecimento dos sujeitos sociais e da reafirmação de suas memórias e narrativas.

A memória, concebida como entrecruzamento de saberes e sensibilidades, de presente e passado, e de diferentes visões de mundo, não só do sujeito que rememora, mas de outros, com os quais conviveu e convive, e de diferentes lugares, permite ampliarmos a noção de racionalidade, em suas dimensões conscientes e inconscientes, voluntárias e involuntárias, bem como a noção de sujeito, tanto sob o ponto de vista pessoal, como coletivo. A partir de tais reflexões, percebemos a potencialidade de ampliarmos as experiências significativas de aprendizagem em Arquivos, em suas dimensões temporais e espaciais, na relação com memórias plurais e com possibilidades de reinvenção de práticas de ensino, a partir, sobretudo, de uma perspectiva racional sensível (Galzerani, 2008).

Para tal, considerando as potencialidades da comunicação *on-line*, podemos ampliar as práticas de interação digital entre Arquivos e seus usuários, vistos como sujeitos da experiência, tomando o acervo como base e estímulo para experiências criativas de interação entre comunidades e arquivos digitais, cujas dinâmicas colaborem para o fortalecimento dos sujeitos das comunidades escolares, para a produção de conhecimento e a inclusão, tanto social como digital.

O desenvolvimento de formas colaborativas de práticas digitais pode envolver ativamente estudantes, professores e suas comunidades na criação de narrativas e representações de memória significativas, se centrarmos nosso olhar sobre os usuários dos Arquivos como sujeitos da experiência, cujas memórias se entrecruzam aos acervos arquivísticos de formas singulares e, sobretudo, de maneira a fortalecer tais sujeitos, buscando possibilidades tecnológicas que facilitem e estimulem essas experiências.

## Referências bibliográficas

BREFE, Ana Cláudia Fonseca. História nacional em São Paulo: o Museu Paulista em 1922. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 10-11, n. 1, 2003.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAIMI, Flavia Eloisa. Fontes históricas na sala de aula: uma possibilidade de produção de conhecimento histórico escolar? *Revista Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 129-150, dez. 2008.

CALZADA I OLIVELLA, Maria. *Les fonts primàries a l'ensenyament: la relació entre el món escolar i l'arxiu*. 2007. Tese (doutorado), Universidade de Barcelona, Espanha, 2007.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *A produção de saberes históricos escolares: o lugar das memórias. O historiador e seu tempo*. São Paulo: Unesp, 2008.

\_\_\_\_\_. Políticas públicas e ensino de história. In: ARIAS NETO, José Miguel (org.). *Dez anos de pesquisa em ensino de história*. Londrina: AtritoArt, 2005, v. 1. p. 157-162.

\_\_\_\_\_. *O almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880*. 1998. Tese (doutorado), IFCH/Unicamp, Campinas, 1998.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GILLILAND, Anne. Afterword: in and out of the archives. *Archival Science*, (S.l.) v. 10, n. 3, p. 333-343, 2010.

HUYSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KNAUSS, Paulo. *História de coleção e história de exposição*. História representada: o dilema dos museus. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003, v. 1, p. 127-134.

- KOYAMA, Adriana Carvalho. *Arquivos online: ação educativa no universo virtual*. 1. ed. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo (ARQ-SP), 2015. v. 1.
- MARTINS, Marcelo Quintanilha. Maços, latas e softwares: o Arquivo Público do Estado de São Paulo e suas reconfigurações. *Revista Acervo*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 231-242, 2013.
- MATOS, Olgária. Desejo de evidência, desejo de vidência: Walter Benjamin. In: NOVAES, Aduino (org.). *Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 283-305.
- MATTOZZI, Ivo. *Archivi simulati e didattica della ricerca storica: per un sistema formativo integrato tra archivi e scuole*. Archivi locali e insegnamenti storici. Modena: Archivio Storico Comune di Modena, 2001. p. 11-23.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Unesp; Fapesp, 1999. p. 11-29.
- NORA, Pierre. Missions et enjeux des archives dans les sociétés contemporaines. *Comma*, International Journal on Archives, Paris, International Council of Archives, p. 47-49, 2003.
- PARRELA, Ivana. *Patrimônio documental e escrita de uma história da pátria regional: Arquivo Público Mineiro 1895-1937*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH-UFMG; Fapemig; 2012.
- REVERTÉ-VIDAL, Maria Pilar. Patrimônio documental como recurso didático. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 16, n. 31, p. 119-137, maio/ago. 2007.
- ROMANELLI, Francesca Cavazzana. Archivi, didattica e nuove tecnologie. Apresentação no Workshop LA DIDATTICA DELLA STORIA. ARCHIVI, RETI, STRUMENTI DIGITALI: ESPERIENZE IN CORSO. Firenze, Itália, 2002.
- TARDIF, Maurice. Communication Technology and Pedagogical Power. *Essays in Education*, Los Angeles, v. 14, 2005. Disponível em: <<http://www.usca.edu/essays/vol142005/tardif.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2012.
- TAYLOR, Hugh A. Clio in the Raw: Archival Materials and the Teaching of History. *The American Archivist*, Chicago, n. 35, p. 317-330, jul./out. 1972.
- YAKEL, Elizabeth. Information Literacy For Primary Sources: Creating A New Paradigm For Archival Researcher Education. *OCLC Systems & Services*, (S.I.), v. 20, n. 2, p. 61-64, 2004.

---

Recebido em 31/5/2016  
Aprovado em 29/7/2016